

SEMANA RELIGIOSA

BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

Sexta feira 28 de Junho de 1878

IV VOL. N.º 162.



BRAGA:

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua Nova n.º 4

1878.

SEMANA RELIGIOSA

BRACARENSE

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebisado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, o que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidiocese Primacial; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados no mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de maio de 1875.

João, Arcebispo Primaz.



IMPRIMARIA DE J. J. DE SOUZA
L. J. DE SOUZA
1875

A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

SECÇÃO RELIGIOSA

A festa do Sagrado Coração de Jesus.

Na sexta feira depois da oitava de Corpus Christi, celebra a Igreja a festa do sagrado Coração de Jesus.

Corria o seculo decimo setimo, quando a Igreja, vendo que se ia esfriando de mais em mais a caridade entre os homens, julgou conveniente instituir uma nova festa, dedicada ao sagrado Coração de Jesus, afim de honrar por este modo o amor immenso de Nosso Senhor para com os homens, e excitar o nosso amor para com Elle.

E', pois, esta festa uma das mais proprias a nos inspirar altos pensamentos e desejos celestes; e com quanto p'reça nova, em rasão da sua instituição, é todavia no fundo tão antiga como o christianismo, porisso que está intimamente ligada com os seus principios fundamentaes.

Sim, Nosso Senhor, offerecendo-se sobre o altar da cruz para nos livrar da escravidão do peccado, devia esperar que os corações dos homens lhe rendessem amor por amor, e se deixassem consumir pela ardente caridade de que Elle estava abrazado (*Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatur?* Luc. cap. 12. v. 49.)

Comtudo o coração dos homens estava gelado, e a caridade ia progressivamente diminuindo: para, pois, a reanimar é que o divino Salvador quiz que um culto especial fosse tributado ao seu sagrado Coração.

E com effeito, pode porventura haver um caminho mais seguro, um meio mais efficaz de ir para Deus, e de nos reunirmos a Elle, do que a devoção ao sagrado Coração de Jesus, que consiste em reconhecer, e em celebrar d'uma maneira mais especial o seu amor immenso para conosco?

Se pois tão excessivamente nos amou no mysterio de sua Incarnação, nas humilhações da gruta, na officina de Nazareth, e na arvore da cruz, quiz ainda dar-nos mais uma prova do seu infinito amor, apresentando-nos o seu divino Coração, como uma origem inexgotavel de graças e de misericordias, como uma fonte sagrada, da qual dimanou o sangue preciosissimo que remiu o genero humano.

E agora quem não vê que este divino Coração tem em si o supprir todas as nossas fraquezas, todos os nossos desfallecimentos, e que é um thesouro superabundante, onde podemos beber todas as graças sem jamais o esgotarmos?

E' um dogma da fé christã que ha em Jesus Christo duas naturezas distinctas,—a natureza divina e a natureza humana, inseparavelmente unidas na pessoa do Verbo.

Em virtude d'esta união, a que os theologos chamam *hypostatica* ou *pessoal*, ha, entre as duas naturezas, uma communicação mutua de nomes, de attributos e de propriedades; d'onde resulta que as propriedades d'uma natureza podem ser attribuidas á outra, e que as duas naturezas com suas propriedades, podem ser attribuidas á pessoa do Verbo.

Temos pois, que por effeito d'esta união é que a divindade de Jesus Christo e sua humanidade são dignas do mesmo *culto de latria*; visto que a legitimidade d'este culto consiste em que adorando a humanidade de Jesus Christo, ou alguma de suas partes, não se consideram estas separadamente de sua divindade, isto é, não se honra uma parte considerada isoladamente e em si mesma; mas honra-se a parte com o todo, do qual ella não pode ser separada.

Por tanto a Egreja, n'esta solemnidade, tem por fim honrar ao mesmo tempo a immensa caridade de Jesus Christo, e seu coração material; ella não separa estes dous motivos, ou antes ella os propõe egualmente, como se podê ver da leitura dos differentes officios d'este dia, auctorisados pela Santa Sé.

N'um d'elles, approvado para os Estados Romanos, diz-se que o papa Clemente XIII, *permittiu a celebração d'esta festa, para excitar os fieis a honrar com um maior fervor a caridade de Jesus Christo, debaixo do symbolo de seu sagrado Coração.*

E na verdade, se a palavra *coração*, auctorisada já pela linguagem ordinaria, e já pelo mesmo uso da sagrada Escriptura, não designa somente o coração material do homem, mas tambem sua vontade, seu amor, e todas as suas affeições; se desde todos os tempos, e em todas as linguas foi tido o coração como o symbolo do amor, como o assento e o orgão principal dos sentimentos e affeições da alma;—quem não vê que a Egreja, no officio d'este dia, debaixo do nome de *Coração de Jesus*, designa ora o amor d'este divino Salvador para com Deus e para com os homens, ora seu coração material, symbolo d'este amor, mas sempre considerado como unido á sua humanidade santa e á pessoa do Verbo?

E' pois evidente que o objecto que a Egreja propõe ao nosso culto, n'esta solemnidade, é o mesmo Jesus Christo Deus e homem juntamente, considerado na porção mais preciosa de sua humanidade, e na mais excellente de suas disposições interiores, n'essa immensa caridade de que seu Coração sagrado é o symbolo natural, n'essa caridade infinita, que é a origem e principio de todos os mysterios de nossa salvação.

E com effeito, se a Egreja adora na sagrada Eucharistia, não só a natureza divina de Jesus, mas tambem seu corpo e seu sangue; se ha uma festa particular consagrada ás suas chagas adoraveis; se nós adoramos os espinhos com que sua fronte foi coroada, os cravos que traspassaram suas mãos e seus pés, e, emfim, a cruz onde expirou;—por que razão haviamos de recusar nossas adorações, e deixar de render nossas homenagens ao seu sagrado Coração, a mais nobre e a mais tocante porção de sua humanidade; a esse Coração do Verbo incarnado, o maior, o mais generoso, o mais santo, o mais terno e compassivo que ha sahido das mãos de Deus?

Oh! é n'elle que estão encerrados todos os thesouros da sabedoria e da sciencia, e todas as riquezas do amor; é n'elle que reside corporalmente a plenitude da divindade, e onde foram consummados todos os mysterios da nossa salvação!

Sim, o Coração de Jesus é para nós a porta do céu, o thesouro

das graças, o holocausto sempre vivo que não cessa de se consumir por nós, e de nos applicar os fructos de seus soffrimentos e de sua morte!

Entrava, pois, nos planos da divina Providencia a instituição d'uma nova festa, particularmente dedicada ao sagrado Coração de Jesus, e isto para reanimar a fé e a piedade dos fieis, tão amortecida n'estes ultimos tempos.

Para este fim escolheu Nosso Senhor, em França, um debil instrumento, isto é, uma sua humilde serva, a quem revelou a sua vontade, fazendo-a confidente dos segredos do seu divino Coração.

Era esta a veneravel Margarida Maria Alacoque, que, no seculo decimo setimo, vivia no mosteiro da Visitação, na diocese de Antun.

Esta religiosa, modelo de humildade, submissão e penitencia, favorecida de graças extraordinarias, acreditou ter recebido do mesmo Jesus Christo ordem de empregar todos os seus esforços para o estabelecimento de uma festa particular em honra do sagrado Coração de Jesus, ordem que, auxiliada pelo padre de la Colombiere, Jesuita, seu director, cumpriu com todo zelo, sem jamais se retractar do que dizia ter ouvido da bocca do proprio Salvador, soffrendo com paciencia todas as contradicções e despresos que, por este motivo, lhe sobrevieram, chegando a ser taxada de visionaria.

Fallecida a 17 de Outubro de 1690, sem chegar a ver o que tanto desejava, todos os despresos e contradicções com que foi avexada e opprimida, foram transformados no céo, em coroas de gloria, pois que, em breve, o mundo mudou de sentimentos e de linguagem, tanto ácerca da humilde serva de Deus, como ácerca da devoção ao sagrado Coração.

E' que o plano divino havia de executar-se, e as revelações feitas á bem-aventurada Margarida, e os seus trabalhos em desempenho do que lhe fôra recommendado, não haviam de ficar mallogrados.

Porisso, entre os prelados que estabeleceram esta devoção em suas dioceses, deve mencionar-se com especialidade Monsenhor de Belzuncio de Castelmoron, Bispo de Marselha, que, durante a peste com que foi atacado seu rebanho em 1720, vendo que eram insufficientes os meios ordinarios para sustar um tão terrivel flagello, resolveu, d'accordo com os magistrados da cidade, consagra-la ao sagrado Coração de Jesus.

Este piedoso Bispo, que, com tanta generosidade, se havia dedicado ao serviço dos doentes, ordenou, para aplacar a ira de Deus, que se fizesse uma procissão solemne, a qual foi levada a effeito no dia 1.º de Novembro do dito anno, consagrando para sempre a este divino Coração, a cidade e a diocese de Marselha, com todos os seus habitantes.

Deus deixou-se commover pelas instancias do caritativo pastor, pois que, desde o dia d'esta consagração a violencia do flagello diminuiu sensivelmente, a ponto de que, no dia de Paschoa de 1721, se poderam reabrir as egrejas fechadas desde o começo do contagio; e a vinte do Agosto seguinte M. de Belzuncio publicou uma *Pastoral* em que annunciava o fim d'esta terrivel calamidade, declarando em termos mui expressos, que a diminuição da peste datava do dia da procissão que elle havia ordenado, no mez de Novembro do anno precedente.

Ora este feliz acontecimento contribuiu muito, como era de es-

perar, para se estender de mais em mais, em nossos dias, a devoção ao sagrado Coração de Jesus, olhada como um poderoso remedio contra a tibieza universal em materia de religião, e contra as feridas crueis da indifferença e da impiedade.

E assim é que hoje mui poucas são as egrejas particulares onde esta devoção se não encontre, e onde a festa do sagrado Coração de Jesus não seja celebrada cada anno com a devida pompa e apparatus.

Afervoremos, pois, nossa devoção a este sagrado Coração, e, unidos a seus piedosos adoradores, vamos prostrar-nos diante do Sanctuario onde Elle reside, e lavar com nossas lagrimas os logares santos onde ha recebido tantos ultrages; supplicando-lhe o especial favor de se dignar soffrer-nos a seus pés n'este espirito de penitencia e de reparação, e fazendo um firme proposito de não mais offender a Deus, e de sermos d'ora em diante mais fieis na pratica de nossas acções em união com Nosso Senhor, e d'um modo em tudo conforme ás disposições de seu sagrado Coração: *Per ipsum, cum ipso et in ipso.*

A. e B.

A EGREJA CATHOLICA

Unico poder tolerante e liberal.

[Continuação]

XLIV.—A EXCOMMUNHÃO. SANTO AMBROSIO E THEODOSIO.

Chegamos á excommunhão.

Eis uma pena applicada pela egreja pessoalmente e directamente, toda espirital.

Ha na historia um exemplo celebre que foi um dos primeiros.

Um dia, Santo Ambrosio indignado pelo atroz massacre com que o imperador Theodosio castigára Thessalonica revoltada, recusa ao imperador a entrada na cathedral de Milão. Elle o excomunga e lhe dicta n'uma scena memoravel, a fórmula da sua penitencia. Theodosio que tem o poder civil, a força militar, á sua disposição, se humilhe sob a mão do Bispo, representante corajoso e inerme da justiça e da caridade ultrajadas por elle. Podendo lançar em ferros o homem de Deus, elle se reconhece culpado e aceita a sentença que o fere.

Eis um exemplo da acção pessoal da Egreja e da natureza do seu poder.

XLV.—THEODOSIO E GARIBALDI.

Em vez d'este spectaculo glorioso da força curvada voluntariamente perante a justiça, supponde em nossos dias o aventureiro Garibaldi, acabando de fazer fusilar cobardemente os seus vinte e nove prisioneiros de Marsala, ir-se apresentar de perante um outro Ambrosio. Supponde este violador do direito das gentes investido do poder de Theodosio. Longe de se submeter á sentença do homem de Deus, elle o teria carregado de cadeias, e, talvez, fuzilado summariamente. E não faltariam admiradores entre os liberaes e os radicaes para applaudirem este novo

morticínio: jornalistas officiosos teriam felicitado o *heroe leigo* por haver castigado este *clerical* pela sua ingerencia em politica.

Em certo partido só berram contra o emprego da força quando os seus são victimas. Quando d'ella dispõem, usam d'ella como usavam os communardos: em proveito do crime. Por ella não soffrerão senão homens de bem.

Esta simples aproximação entre os principios christãos e os principios radicaes, entre a epoca *clerical* de Santo Ambrosio e a epoca *liberal* de Garibaldi, prova até que ponto temos descido.

E' simples: a Igreja tinha elevado a intelligencia e a alma humanas, purificado os corações, prégado a tolerancia sem sacrificar a justiça.

Os seus adversarios ferem uma e outra. Aos castigos merecidos elles oppõem um sentimentalismo facticio, uma falsa philantropia. Por um lado se levantam contra a espada da justiça, que attinge os aggressores da religião; pelo outro, fecham os olhos sobre as vexações, os delictos de que a Igreja é victima, quando elles proprios não a perseguem abertamente. Não poucas almas vis e cobardes se offerecem hoje para representar os papeis d'agentes dos Domiciano, dos Nero e dos Juliano contemporaneos. E eis como nos tornamos á era das perseguições e dos martyrios.

1793, 1830 e 1871 são, debaixo d'este ponto de vista, datas instructivas que nos aproximam d'um epoca de lodo e de sangue, ou antes nos reconduzem a ella, porque o massacre dos refens, em 1871, iguala o que ha de mais atroz na epoca neroniana; o que saiu de mais horroroso do infame esgoto da sociedade romana.

Se o triumpho definitivo dos radicaes, guarda-avanzada do liberalismo, fosse possivel e completo, a Igreja Catholica postada na vanguarda da defesa social veria recommear as scenas em que os martyres serviam d'espectaculo a um povo imbecil e selvagem. Com a differença de, em logarem de serem a preza dos tigres e dos leopardos nos amphitheatros, os nossos padres seriam a preza dos homens que tão bem hão feito o papel de bestas ferozes durante as epocas do Terror e da Communa.

Eis a sorte que os apóstolos da tolerancia e do liberalismo *leigos* creem obrigatorio anhelar aos ministros d'uma Igreja que não emprega nem empegou, para com elles, senão a palavra e a persuasão; que não tem além d'estes outro meio d'acção; d'uma Igreja de que o castigo mais rigoroso é excluir-os do numero de seus filhos, por meio da excommunhão. Ella os põe fóra do seu seio; elles põem seus padres e seus fieis fóra d'este mundo. E queixam-se dos rigores da Igreja!

[Continúa].

O discurso pronunciado por Victor Hugo por ocasião do centenario do nefando Voltaire, provocou do tão illustre quanto intrepido Bispo d'Orleans a seguinte carta dirigida ao desvairedo poeta:

Orleans, 1 de Junho de 1878.

Senhor:—Acabo de ler o discurso, por vós pronunciado no thea-

tro de *La Gaité*, e devo confessar-vos que elle excede tudo, o que eu haja encontrado no genero palinodia n'estes tristes tempos.

O que é pois um poeta? qual esse prisma singular, que tudo tinge com as próprias côres, incessantemente cambiantes? O que é o escriptor, que flagella e exalta alternativamente, segundo suas moveções impressões, o mesmo homem e o mesmo seculo?

Sou obrigado, senhor, a dizer-vol-o: nas illusões, que hoje vos fascinam, é um Voltaire, poetisado, transformado, aquelle, que mostrastes ao vosso auditorio. O verdadeiro Voltaire ahi o tendes. Eil-o:

Resulta, não de textos isolados, mas de toda a sua vida e de suas obras, que Voltaire, tirada a mascara, indo-lhe ao fundo d'alma, á realidade de sua historia, foi o que eu tenho dito e vós mesmo dissestes não ha muito tempo; e pois que o esquecestes já, forçaes-me a repetil-o:

Insultador do povo, sempre por elle tratado de *canalha* e de quem disse: «E' preciso que o povo não seja instruido; não é digno d'isso. — O povo será sempre tolo e barbaro. São bois, que precisam de jugo, aguilhão e palha.»

Cortezão de todos os poderes, até dos mais vis, perdendo em tal commercio, na forte expressão de Luiz Blanc: «tudo que constitue os nobres caracteres, as almas viris.» Eis o verdadeiro Voltaire.

E mais ainda: *Insultador da França*, avolumando os escarneos do vencedor de Rosbach; escrevendo-lhe. «Senhor, sempre que escrevo a V. Magestade, sobre negocios um pouco serios, tremo como os nossos regimentos em Rosbach.—O uniforme prussiano só deve servir para fazer ajoelhar os Welches (1); trahindo os interesses da França, a ponto de escrever a uma imperatriz russa: «Nós precisamos de tres capitaes, Moscow, Petersburgo e Byzancio.»

Proclamando ainda não ser francez, nem suizzo; que gostaria de morrer prussiano e que se fóra mais moço se fariã russo.

Dizendo da sua patria que era um *paiz de macacos e de tigres* e tratando Paris de *grande capoeira cheia de perus e de papagaios*.

Eis ahi, senhor, em verdade, aquelle que hontem celebrastes e apresentastes aos ingenuos applausos do vosso auditorio. parisiense!

De resto, agiota, negreiro, traficante de escravatura e embolçando, durante uma só guerra, 600 mil libras d'esse tempo, ganhas nos fornecimentos do exercito.

Insultador da verdade, a ponto de ser chamado pelo mesmo Frederico, *velhaco consummado, useiro na mentira, erigindo a mentira em principio; sem fé, nem lei*, segundo a expressão de Saint-Beuve.

Insultador dos costumes e escriptor o mais corrupto e o mais corruptor que nunca houve, inundando o céo, como vós mesmo dissestes, de *obras de ignominia, de livros infames* e de lodo! . . .

Faço-vos a justiça, de que não tivestes a ousadia de dizer nada de tudo isto.

(1) Welches, corrupção de Gaels, nome que se davam os celtas, primitivos povoadores dos Gallias. Voltaire com tal nome queria chamar barbaros e por tanto desprezíveis os francezes! Que patriotismo! (N. do Trad.)

Insultador de Joanna de Arc, d'essa nobre filha do povo, a mais pura heroína da nossa história. E não em obra de mocidade, como disse o vosso conferente; mas em um poema immundo, cuja composição durou trinta annos, publicado emfim aos 69 annos de idade, com gravuras obscenas! Ai accumulou contra a virgem libertadora do seu paiz ultrages sem nome, insultos a tudo o que ha de mais sagrado: á religião, ao patriotismo, á virtude, á fraqueza, á joven, á mulher, á França, insultos á humanidade, tudo em tal grau, que não se póde repetir.

Insultador da Polonia; d'essa Polonia, que, Par de França sob Luiz Philippe, vós defendestes eloquentemente.

Um dia ligaram-se potentados para escravisar essa nação livre e heroica. Depois de a esmagarem, esphacellaram-n'a e dividiram-se os bocados.

Havia então na Europa, e sois vós que o dizeis, um homem que tinha «declarado guerra a todas as iniquidades sociaes (e cuja arma possuía) a ligeireza do vento e o poder do raio.»

Ante o assassinio da Polonia, são ainda palavras vossas «Voltaire, tu levantastes um grito de *admiração*; será tua *deshonra* eterna.»

E gabaes a sua tolerancia! Em verdade fez elle grande alarido, por sua vangloria, de alguns erros, duvidosos talvez, da justiça. Mas quando o mesmo homem bate as palmas ao assassinio de um povo e escreve a uma imperatriz da Russia: «O que ides levar á Polonia na ponta de quarenta mil baionetas é a *tolerancia*» tenho o direito de dizer-vos, senhor, que este homem não passava de um commediante de tolerancia e de humanidade.

Eis o verdadeiro Voltaire. Quanto acabo de dizer é incontestavel; é historia. Por isso, apesar de quanto fizerdes, vós e os vossos, Voltaire não será, não poderá ser nunca, o idolo do povo, nem da França.

De tudo isto não dissestes vós uma palavra n'esse grande discurso. Ora desafio-vos a dizer estas coisas a esse pobre povo desvairado: DESAFIO-VOS formalmente a tentar ante um auditorio qualquer uma apologia séria de tudo isto.

Ousareis accetar o meu REPTO? Não, não o ousareis.

Assim completa e vergonhosa palinodia, quanto a Voltaire; egual tambem quanto ao seu seculo.

Já não ereis, senhor, uma creança; tinheis quasi quarenta annos, quando chamastes esse seculo *uma orgia acabada por um cada-falso*; quando levantastes este brado:

«*Vergonha* a teus escriptores ante as nações.»

E hoje, do mesmo seculo, ousaes dizer:

«*Gloria* a teus escriptores ante as nações!»

Pode um homem dar-se a si mesmo um mais fulgurante e mais vergonhoso desmentido?!

E comtudo, aqui mesmo, vos escapa a verdade. «Estes fizeram aquelles», dizeis. Sim: Voltaire e Rousseau fizeram Danton e Robespierre. Bem exacto é portanto o vosso dito: *uma orgia acabada por um cada-falso*. E' isto o que hoje quereis? O *adoçamento dos costumes*, com que tão extranhamente presentearam Voltaire e os voltaireanos serão o Terror, o *comité* de salvação publica, precursor da nossa communa?!

Assim aos mesmos homens, ás mesmas coisas, ao mesmo seculo vós bradastes :—*Deshonra!* como hoje bradaes :—*Gloria!*

E vede a extensão de vossa palinodia . . . Não fostes vós, que julgastes d'este modo a obra de Voltaire :

«E' um bazar elegante e vasto . . . estendendo em lodo innumeráveis riquezas . . . deslumbrante e FETIDO . . . por prazeres offerecendo prostituições . . . Templo MONSTRUOSO, onde ha testemunho, *para quanto não seja verdade, culto, para quanto não seja Deus.*» Não dissestes mais :

«Deploramos amargamente, que elle voltasse *contra o Céu* essa potencia intellectual, que do Céu recebera. Lamentemos esse bello genio, que *não comprehendeu a sua sublime missão.* esse ingrato, que *profanou a castidade da Musa e a santidade da Patria.*»

«E, accrescentáveis, porque teve a culpavel ambição de semear egualmente germens nutrientes e germens venenosos, são estes, *por sua eterna vergonha,* os que mais fructificaram.»

Entim não chamastes vós á transladação dos seus restos ao Pantheon uma *saturnal funebre?*

Uma saturnal funebre! Assim julgaveis as honras a Voltaire, feitas em 91. Não tinha então eu rasão para chamar á vossa abortada festa nacional, as saturnaes da impiedade?

Ha em vosso discurso outras palinodias ainda. Assim a *Encyclopedia*, elogiada hontem por vós, vós a haveis chamado «obra, em que homens com a ambição de mostrar a sua força, só provaram a sua fraqueza; monumento MONSTRUOSO, cujo horrivel corollario foi o *Monitor* da nossa Revolução.» (2)

Bem pouco vos custou a raspar todas estas palavras, quinta feira, na *Gaité.*

O que sois vós então, senhor? Permitti-me perguntal-o tristemente. Uma lyra soando a todos os ventos. Hoje agita-vos

«O vento, que vem a travez da montanha.»

Assim declamações sonoras e ocas, demonstrando só o cahos de uma cabeça, o vasio de um espirito; mistiforio (*pête-mêle*), para fallar a vossa lingua, de *noções* contradictorias, *servindo de base a idéas* incoherentes! Eis o vosso discurso.

Por isso chegaes a aproximar Voltaire e Jesus Christo! Voltaire e Jesus Christo! E um, continuador do outro! . . . Deliraes por certo!

O que é então que acreditaes, ou não acreditaes? Ah! e sabeis-lo vós mesmo bem?

E fallais do vosso *respeito*: pois tal respeito, senhor, é a forma mais repugnante da blasfemia.

Jesus, que chorou, e Voltaire que riu, eis ahi, dizeis vós, donde vem a civilisação actual.

Pois bem! quando se diz isso ao seu seculo, pôde ainda ter-se a reputação de instrumento sonoro; mas não ser considerado como auctoridade moral.

Se a doutrina evangelica tem sido civilisante, Voltaire, o grande

inimigo do Evangelho, foi o grande inimigo da civilização e sua passagem por terra christã, foi, segundo a palavra exacta do snr. Roger Collard, *uma calamidade*.

Se vós conhecesseis melhor o Christianismo, saberíeis que todo o seculo que o guerra embaraça a marcha pacifica e progressiva da humanidade e corre pelo caminho das catastrophes !

Do vivente fogo, do fogo divinal sob marmoreos tectos se obrigam por seu mal, quem Deus affronta, Deus o alcança. (3)

Se vos conhecesseis melhor, não direi já o Christianismo, mas a historia, saberíeis não haver em nossas sociedades um só progresso, de que não fosse auctor o Christianismo ; que nenbuma reforma benefica existe que não haja sido inspirada aos homens pelo Evangelho, e que elle mesmo não haja introduzido ou preparado nas leis.

E dizeis que Voltaire *vencera* ! Outros além d'elle e de vós cantaram victoria e passaram, e Christo ficou.

Dizeis gravemente que *Voltaire sorri do otto das estrellas*. Os voltaireanos do Circo Myers riram de certo muito d'este resto de idéas metaphisicas e de fé christã, mal comprehendida. São melhores voltaireanos do que vós ; já não fallam em humanidade, mas em animalidade e do nosso precursor, do nosso antepassado, do macaco, como em recente livro dizia um dos jovens camaristas de Paris, aquelle mesmo por cuja proposta a camara de Paris votou 1.800.000 reis para o centenário. E é bem natural : quando se crê descender o homem do macaco, Voltaire deve ser o Deus, porque vós mesmo o chamais macaco ; um macaco de genio em verdade.

A isto chegastes ! Eis em summa o que, em meio da indifferença geral de Paris, pôde conseguir esse esforço gigante e grotesco da republica demagogica, para emergir, com o favor de Voltaire, dos baixios á superficie, a apoderar-se dos destinos da França ! Uma festa *oratoria* em um theatro e um circo, aclamações estafadas, emphaticas, contradictorias ! Um aborto e uma coisa para rir.

E vós, pobre grande poeta, panegyrista hoje do homem e do seculo, que tão energeticamente haveis stygmatisado, outr'ora cantor inspirado da *Esmola*, da *Prece por todos*, do *Infante Martyr* ; que espectáculo offereceis hoje aos que dantes vos admiravam ?

Permitti-me dizer-vol-o com o respeito tristemente commovido, que a minha idade deve á vossa : Vós sois barco sem lastro, impellido pelo vento do seculo de uma a outra praia ; cuidaes abordar á gloria e, temo-o, encalhaes na compaixão.

Dignae-vos, senhor, acceitar a homenagem dos sentimentos, que tenho a honra de vos offerecer.

✠ F., Bispo d'Orleans.

A este repto accudiu Victor Hugo com uma cartita com que encheu um terço de columna d'alguns jornaes. Limita-se a dizer que fôra educado por um padre, e que tal educação n'elle influenciára até aos quarenta annos. Esta confissão parece não abonar grande seriedade, ou

então deficiência de juizo. Pois é preciso esperar quasi meio seculo para desprezar a educação que se recebêra! O restante da *envergonhada* car-tita é uma settada no Imperio, de que conclue por dizer que elle jazeu na *masmorra* (aliás exilado *voluntario* no palacio de Guernesey) . . . Parece que o *grande* homem entonteceu, ou já baqueou (e quem o duvi-da?) do seu pedestal . . . olympico . . .

Continuação de varias consultas, a que principiamos a responder no n.º 25 d'este semanario.

221.^a Pergunta.

A obrigação da residencia parochial será tambem de direito natural, e de justiça?

Resposta.

Affirmativamente. Pelo facto de ser parochia constitue-se uma especie de contracto entre elle e os freguezes, de que resultam direitos e obrigações reciprocas, que de justiça ha obrigação de cumprir; e como cumprir o parochia estas obrigações se não residir?

Contra os pastores que não residem, se queixa Deus amargamente pela bocca do Propheta Ezechiel (IV, 5). *Dispersæ sunt oves meæ, eo quod non esset pastor, et factæ sunt in devorationem omnium bestiarum agri.*

222.^a Pergunta.

O parochia que não reside estará obrigado a alguma restituição além do peccado grave?

Resposta.

Affirmativamente.

O sagrado concilio Tridentino na Sess. VI cap. 4 *de reformatine* manda e marca esta restituição aos Bispos que não residem, e depois na sess. XXIII cap. 4 *de reformat.* extende estas penas e modo de restituir aos pastores inferiores, ou *parochos*.

Será bom transcrevermos as proprias palavras do concilio da sess. VI acima citada.—*Si quis a Patriarchali, Primatiali, Metropolitana, seu cathedrali Ecclesia, sibi quocumque titulo, causa, nomine, seu jure commissa, quacumque ille dignitate gradu et præminencia præfulgeat, legitimo impedimento, seu justis et rationabilibus causis cessantibus, sex mensibus continuis extra suam diocesim morando absuerit, quarto partis fructuum unius anni, fabricæ Ecclesiæ, et pauperibus loci per Superiorem Ecclesiasticum applicandorum, poenam—ipso jure—incurrat—etc . . .*

223.^a Pergunta.

Quando o parochia não resida, só será obrigado a restituir depois da sentença do juiz, ou deverá restituir mesmo antes?

Resposta.

Logo que pela falta da residencia contrahiu a obrigação de restituir, está a isto obrigado mesmo antes da sentença do juiz. Eis as proprias palavras do concilio na sess. XXIII cap. 4. «Se algum se ausentar contra a disposição d'este decreto; além das penas estabelecidas, e renova vadas sob Paulo III contra os que não residem e além do peccado

« mortal que incorrerá, declára o santo concilio que não adquire a propriedade dos fructos da sua renda, vencidos durante a sua ausencia; e que os não pode reter em boa consciencia *sem que seja necessaria outra declaração mais do que a presente*; mas que está obrigado a distribuil-os nas fabricas das Egrejas, e aos pobres do lugar. E se elle faltar a isto seu Superior Ecclesiastico metterá n'isso a mão.

224.^a Pergunta.

Poderá compor-se com a Bulla da Cruzada o parcho que esteja obrigado a restituir pela não residencia?

Resposta.

Negativamente. Isto é expressamente prohibido pelo santo concilio na sess. acima citada.

Prohibita quacumque conventionem vel compositionem, quae pro fructibus male praecipis appellatur, ex qua tiam praedicti fructus in totum, aut pro parte ei remitterentur; non obstantibus quibuscumque privilegiis cuicumque collegio, aut fabricae concessis.

Isto mesmo é expresso na constituição do SS. Padre Pio V.

225.^a Pergunta.

Estará o parcho obrigado a residir perto da Egreja parochial na casa chamada da residencia, quando a haja, ou poderá residir onde lhe parecer?

Resposta.

Regularmente fallando está obrigado a residir na casa chamada da residencia. Assim o decidiu a sag. cong. do conc. (Vid Boix, e Craisson). A constituição do arcebispado no titulo XIV const. 1 pag. 224 manda expressamente «que todos os priores, abbades, reitores, e vigarios, e que tem beneficios curados, são obrigados a fazer n'elles pessoal residencia e continua habitação nas casas da residencia; e não as tendo, e morarão dentro nos limites, e o mais perto da Egreja que poder ser, ministrando por si quanto lhes for possível os sacramentos a seus freguezes, e ensinando-lhes por obra, e palavra, o que convem para salvação de suas almas». (vejam-se muitas decisões da s. cong. citada por Craisson a este respeito).

226.^a Pergunta.

Quaes são as causas que segundo a mente do sag. concilio Tridentino poderão excusar o parcho da residencia parochial?

Resposta.

Christiana charitas=urgens necessitas=debita obedientia= ac evidens ecclesiae vel reipublicae utilitas=(sess. 23 cap. 1.^o de reformatione).

227.^a Pergunta.

O sagrado concilio marcará tempo em que possam estar ausentes os parchos?

Resposta.

Diz o santo concilio na sess. 23 cap. 1.^o: «quanto aos que foram obrigados a ausentar-se, cuidem em dar tal providencia ao seu rebanho antes de o deixar, que, quanto for possível, não padeça detrimento algum na sua ausencia

«Quer o santo concilio, que fora dos casos acima notados, esta ausencia nunca exceda cada anno o espaço, ou seja continuado, ou interrompido, de dous ou tres mezes quando muito».

228. Pergunta.

Dando licença, ou permitindo o sag. concilio, ao parcho o estar ausente por dous, ou quando muito tres mezes continuados, ou interrompidos, poderá por este tempo sair da freguezia sem que deva ainda fazer mais alguma coisa?

Resposta.

Deve cumprir mais algumas coisas exigidas pelo concilio e pela constituição do arcebisado.

1.º Deve haver alguma causa ainda que não seja muito grave, pois as quatro causas nomeadas acima, dizem os Theologos, que se exigem para a ausencia além do bimestre.

2.º Que haja licença do Prelado, que segundo alguém deve ser *in scriptis* (sag. cong. do concilio 1573). Devemos porém notar que a constituição do arcebisado dá licença por um mez, e por tanto aqui n'este arcebisado tendo o parcho de se ausentar da freguezia só por um mez está só obrigado a dar parte ao Prelado deixando padre idoneo etc. como a diante diremos, e dando igualmente parte ao Prelado de seu regresso á freguezia.

3.º Não pode sair no tempo do Advento, quaresma, Natal, Paschoa, Pentecostes e corpo de Deus. (Concilio Trid. sess. XXIII cap. 1.º e consti. do Arceb. tit. XIV p. 226.)

4.º Não havendo enfermos na parochia. (Const. do arcebisado lugar citado pag. 227, e todos os moralistas.)

5.º Deve deixar padre idoneo e competentemente habilitado para confessar pessoas d'ambos os sexos (concilio Trid.=Constituição do arcebisado nos lugares acima citados=todos os moralistas.)

229 Pergunta.

Tendo o parcho d'ausentar-se por poucos dias ainda mesmo n'este caso deverá dar parte ao Prelado?

Resposta.

Sendo por tres ou cinco dias, e cumprindo todas as condições acima ditas, segundo a opinião d'alguns Theologos, não será necessario dar parte ao Prelado; mas se for por mais tempo deve em consciencia o parcho dar parte ao seu Prelado. Por uma semana não póde ausentar-se sem licença ainda que deixe padre idoneo (decreto de 7 d'Outubro de 1640).

230 Pergunta.

Poderá o Bispo dispensar o parcho da residencia para sempre?

Resposta.

Não póde, e n'este caso deve recorrer-se á Santa Sé, a qual não costuma ainda assim conceder taes dispensas para sempre.

231 Pergunta.

Tendo um parcho alcançado Breve de Roma ou licença para não residir na parochia por alguma das causas ditas no concilio, deverá ainda assim apresental-o ao Prelado?

Resposta.

Sim; e isto é expresso no concilio=*causa primo per Episcopum cognita et probata*=; a constituição do arcebisado no tit XIV cap. 2.º manda o mesmo.

232 Pergunta..

A idade avançada e falta de saúde excusará o parocho de residencia?

Resposta.

Negativamente (decreto da s. cong. do conc. 6 d'Abril de 1647).

233 Pergunta.

O pequeno numero de freguezes dispensará a residencia parochial?

Resposta.

Negativamente. (Bento XIV Inst. Eccl. 17).

234 Pergunta..

Poderá em boa consciencia o parocho ir só aos domingos e dias santos á freguezia; ou pernoitar n'ella e pela manhã cedo dita a missa retirar-se para outra freguezia; ou mesmo viver só de dia na freguezia e á noite ir dormir a outra?

Resposta.

Negativamente. A sagrada cong. condemna taes abusos em varios decretos

235 Pergunta.

As inimidades serão causa para deixar de residir?

Resposta.

São causa para elle resignar ou permutar, mas não para deixar de residir.

Braga, Seminario Conciliar de S. Pedro, 27 de Junho de 1878.

O vice-reitor do Seminario,

P.º João Rebello Cardoso de Menezes.

MAXIMAS E PENSAMENTOS

186—Vê-se muitas vezes injustiças nos premios, mas não vos affi-taes: se os outros são exemplos da fortuna, sêde-o vós da virtude.

187—Sede gratos ás mercês que Deus vos faz, que as outras que dá o mundo, nenhuma vale o que custa.

188—Quem tem animo para arriscar a vida, mostre que tambem lhe não falta para o soffrimento. A maior victoria que o homem pode alcançar é a de vencer-se a si mesmo.

189—O ingrato só pela ingratidão perde o beneficio passado, o agradecido só pelo agradecimento sollicita e alcança o futuro.

190—A presença, para ser presença, ha de ter alguma cousa de ausencia; porque o objecto da vista, para se poder ver, ha de ser presente, mas não unido á mesma potencia; n'este caso é como se estivesse ausente: ha de estar apartado dos olhos para se poder ver. Assim a presença nem ha de ser intima, nem totalmente unida, mas d'algum modo distante.

191—Era costume dos antigos lusitanos consultar as entranhas dos homens que sacrificavam, e d'ellas conjecturar e advinhar o futuro.

A superstição era falsa, mas a allegoria era muito verdadeira. Não ha lume mais certo de prophecia no mundo que consultar as entranhas dos homens.

192—Para um homem se ver a si mesmo são necessarias tres cousas : olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se póde vêr por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se póde vêr por falta de luz. Para uma alma se converter, que é ver-se a si mesma tambem são necessarios olhos, espelho e luz : o espelho da doutrina a luz da graça e os olhos do entendimento.

193—Deus nunca falta nem póde faltar: se dá o sol e a chuva aos bons e aos maus, nunca se nega aos maus que se quizerem tornar bons.

ANNUNCIOS

AOS POSSUIDORES DO GRANDE DICIONARIO PORTUGUEZ OU THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA

PELO
Dr. Fr. Domingos Vieira

O editor *Ernesto Chardron* roga a todas as pessoas que possuam esta utilissima publicação, o obsequio de verificarem minuciosamente as suas colleções; e no caso de lhes faltarem *folhas, cadernetas* ou *volumes* para completar este verdadeiro monumento da lingua nacional, pede o favor de fazerem a requisição, o mais urgentemente possivel, á *Livraria Internacional, Clerigos, 96* — Porto.

Está-se trabalhando na colleccionação do resto d'esta importantissima obra; e *depois de Junho* do corrente anno será difficil, senão impossivel, obterem-se *folhas, cadernetas* ou *volumes* em separado.

PREÇOS

Folhas avulsas que faltarem nas cadernetas.	Gratis.
Cada caderneta.	180 réis
1.º volume brochado.	5\$000 »
2.º » »	5\$000 »
3.º » »	6\$000 »
4.º » »	4\$500 »
5.º » »	4\$500 »
A obra completa, 5 volumes brochados.	25\$000 »
Encadernados.	30\$000 »

Ernesto Chardron.—PORTO.